



Na lista de pecados

Pecados andam fora de moda. Tirante os que dão cadeia — matar, roubar —, ninguém mais parece ligar para transgredir as leis divinas, mesmo os 10 mandamentos, que agravam a situação de qualquer fulano, cristão ou não. Falso testemunho? Guardar o domingo? Não cobiçar o alheio? Parece que o oposto é que está valendo. E aí incluímos o desejo à mulher do próximo, o pecado contra a castidade e honrar pai e mãe.

Oscar Wilde estava correto ao dizer que não há outro pecado além da estupidez. Moisés gastou pedra à toa, bastava um mandamento para regular não apenas os fiéis, mas a humanidade inteira. “Sejam decentes”, diria ele ao descer da montanha.

Pecados veniais — os perdoáveis — andam ainda mais desvalorizados. São Tomás de Aquino disse que a diferença entre pecado mortal e venial é a mesma do imperfeito para o perfeito. Da forma que o santo filósofo colocou, parece que está tudo bem quando se comete um pecadinho, mas não é bem assim. Se for ação deliberada, o venial continua sendo pecado. Mas quem liga?

O melhor mesmo são os pecados capitais. Na hierarquia católi-



ca-romana, são menos graves que os mortais, mas muito mais interessantes porque revelam o pior da humanidade: soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e preguiça. Atire a primeira pedra quem nunca experimentou uma dessas tentações — seja aquele quitute a mais, aquela vontade de ficar na cama mais um pouco ou um xingamento no trânsito.

Os sete pecados capitais já foram oito, coletânea feita por um monge. Não houve inspiração divina para que Evágrio Pôntico (que

viveu nos anos 300 d.C) fizesse a lista (que incluía a tristeza no rol) — bastou observar o comportamento humano. A relação foi revisada pelo papa Gregório cerca de 200 anos depois, quando saiu a preguiça para entrar a inveja. Um milênio depois, São Tomás de Aquino fez a relação definitiva, tirando tristeza para recolocar a preguiça.

E outro dia conheci um personagem que consegue ticar toda a relação. Jeito de coroinha, sorriso contido mas afetuoso, conversa mansa e cheia de intenções, o sujeito enga-

na a distância. Dizendo assim já estou eu mesmo cometendo um pecado ao proferir uma sentença, mas é venial; três Pais Nosso e duas Salve Rainha devem bastar.

“Pode ser pecado pensar mal dos outros. Mas raramente será um engano”, escreveu um coleguinha bem mais inteligente que eu, H. L. Mencken.

Mas estávamos falando de outro pecador. Em alguns meses, o sujeito ameaçou uma coleção de inimigos, usando de todos os pecados capitais, especialmente o campeão: soberba. Humilhou, tripudiou, sambou de tamanco. Houve doses generosas de luxúria, avareza, gula (não de alimentos, mas de todo o resto) e ira. E até um pecado que não está na lista: a mentira.

“Todo pecado é um tipo de mentira”, ensinou Martinho Lutero. E nisso o camarada é bom, levando tudo na toada de prejudicar quem for, desde que tenha algum ganho. Sheakespeare escreveu que “alguns elevam-se pelo pecado, outros caem pela virtude”. Não foi o caso. Ele caiu. Pela coleção de pecados.